

28-03-2024

## O MAIS PROFUNDO É A PELE

### Eguimar Felício Chaveiro

[Doutor em Geografia Humana - Livre-docente da UFG/Universidade Federal de Goiás]

Parece-me que esta frase – o mais profundo é a pele – veio da boca filosófica de Peter Pelbart explicando o afeto ao modo de Deleuze. Nesse caso, a pele, esse extenso órgão humano, marcada pelo tempo e pela genética, cheia de curvas, dobras, pigmentos, cicatrizes, rugas e poros; marcada pelo trabalho, pelo clima, pela cultura e recheada de segredos, é apenas uma metáfora. Contudo, podemos refazer a metáfora de Pelbart dando a ela um sentido direto dizendo que o mais profundo é o sentimento. Para início de conversa, haveremos de saber: não há como não sentir. O burocrata de gravata cinza sente; o mesmo procede com a bailarina com pés de asa, entre o tablado de madeira e a ginga de Garrincha no samba. Sente o fascista odioso, a dama caritativa cheia de dó; o mendigo que arregala os olhos na expectativa de receber a moeda que lhe vai prover o pão salvador. Sente muito, demasiada e inexplicavelmente, a mãe cujo filho foi assassinado covardemente... Dizia a psicanalista Suely Rolnik em suas intensas aulas de subjetividade contemporânea na PUC/SP [Pontifícia Universidade Católica]: “*não se enganem, o agente da bolsa de Chicago sente. Sente muito*”. Sente também, de uma maneira silenciosa e funda, quem sofre preconceitos raciais ou homofóbicos; sente ainda o cantor de ópera com o diafragma esticado no último fio; o goleador do campo de terra. A questão central, dizia Rolnik, não é o mais ou o menos sensível. **O âmago da questão é a dimensão ética do sentimento.** Aliás, poetas, artistas e escritores sentem muito e calorosamente. Contam que Clarice Lispector, às vezes, tremia apenas percebendo o vento tocar a folha aberta da palmácea. .... Sabia Clarice que aquele fenômeno sutil e de pouco alcance na moeda do mundo a integrava no universo como um ser vivo que vê, aspira, deseja, e se inclui com a pele exposta no vasto baile cósmico diário; na incessante troca de matéria e energia; no que os olhos não decifram, como nos fluxos atmosféricos, na umidade carregada pelo ar, no destino das ondas, na imensidão do espaço sideral...

#### A palmácea de Clarice sente.

Uma observação deve ser feita. Esses termos, sentir, sentimentos, sensações, sensibilidade, sentimentalismos – e outras derivações – guardam singularidades semânticas, embora, todos sejam produtos e produtores de emoção. Aqui pode-se perguntar: que revelações a minha emoção faz de mim? Aliás, a pergunta pode ser encaminhada pela metáfora: o que toca a minha pele, toca-a e a alma? Ou: que vulcões potenciais ela guarda? Lembro de o sociólogo Octávio Ianni, na década de 1980, dizer que a pele do camponês possuía o traço da enxada, o batido do enxadão, o relâmpago cortante da foice. Dizia ele também que a classe social, derivada da divisão social do trabalho, impregnava-se no rosto do camponês e da camponesa. A sua pele era uma memória do trabalho. Mas era mais que isso: como fronteira entre o interno do sujeito e o externo da vida, a pele camponesa escondia a frequência cardíaca que entretanto, não escondia a expectativa de vida de um corpo surrado pelo trabalho árduo e duro.

Em Goiás a expectativa de vida não passava de 50 anos em torno da década de 1950. Hoje o pensamento social crítico de abrangência internacional recoloca, em termos políticos e epistemológicos, a profundidade da pele. Pesquisas atuais apontam que o colonialismo se serviu do escravismo sem o qual não existiriam as sociedades capitalistas. O pior é que, fundado na escravidão, o chamado “capitalismo racial” formou uma realidade em que, conforme diz a antropóloga Rita Segatto, o cárcere no Brasil tem cor: negra.

Nas prisões no Brasil, em que 90% dos sujeitos aprisionados são negros, Segatto interroga: quais são os processos históricos fundos que criam essa realidade? O mesmo ocorre com a desigualdade social que se fundamenta na desigualdade racial. Isso é visto também no mapa de segregação socioespacial e de exclusão social. A pobreza no Brasil tem cor. E a cor no Brasil se distribui de maneira desigual entre as classes sociais. São poucos médicos, juizes, engenheiros e fazendeiros negros. Aliás, sob o enfoque da visada interseccional, conceitos como o de cor, raça, etnia, identidade juntam-se ao debate de colorismo, de racismo estrutural, racismo ambiental, racismo institucional; diferenças entre nomenclaturas como preto, negro, pardo ganham atenção política envolvendo corporeidades; formas de linguagem, prismas éticos. Minha amiga e doutora em Sociologia do trabalho – Daisy Luzia (Dona Alzira) – avalia o ganho político da visada interseccional, mas se preocupa com a banalização de uma pauta tão importante. E isso acontece – e pode acontecer.

A divisão social do trabalho prova também a profundidade da pele. Cerca de 70% de empregadas domésticas, garfis, diaristas, serventes de pedreiros têm a pele negra. Mas negra também é a pele de Cartola, Pixinguinha, Chica da Silva, Carolina de Jesus, Milton Nascimento e de Milton Santos. A feijoada brasileira é negra, assim como Donga, inventor do samba. Zumbi dos Palmares era negro. Isso quer dizer que a profundidade da pele é demonstrada igualmente pela resistência, pela arte, pela alegria, pelo gozo. Depois de mais de 90 anos do ativismo negro, endereçado em movimentos sociais, organizações sindicais, coletivos femininos e jovens, uma aprendizagem lenta, e ainda mínima, surge a partir da ideia de interseccionalidade. A edificação de uma consciência interseccional propõe não se separar raça-etnia-pele de classe social, gênero e orientação sexual. Onde houver opressão, sofrimento, exploração, há que formar irmandades de luta, de resistência e de alegria.

Os versos magistrais de Caetano Veloso parecem dar conta da síntese a que o pensamento crítico contemporâneo se estende:

*O samba ainda vai nascer / O samba ainda não chegou /  
O samba não vai morrer / [...] O samba é pai do prazer /  
O samba é filho da dor / É o grande poder transformador  
[...]*

.....  
**Agora podemos sintetizar:**

**os sentimentos estão enraizados na pele e a pele é memória; é resistência; é utopia.**

**E Pelbart tem razão: o mais profundo é a pele.**

■ ■ ■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*